

IMAGENS DO ESPELHO NA POESIA DE MARIO QUINTANA

SOUZA, Claudenice da Silva¹ (UFMG)
ALVES, José Hélder Pinheiro² (UFMG)

Os espelhos encerram mistérios ocultos que, vez ou outra, poetas e escritores tentam revelar. Como exemplos dessa instigante tentativa, a literatura brasileira dispõe de dois conhecidos contos sobre o tema, ambos com o mesmo título, *O espelho*, um de Machado de Assis e o outro de Guimarães Rosa. Também no âmbito da poesia lírica a temática do espelho retorna com frequência, como nas obras de Manuel Bandeira e de Cecília Meireles, que nos inspiram a pensar sobre essa questão quando apresentam eu líricos e suas experiências diante de espelhos. Esta comunicação tem como objetivo analisar dois poemas de Mario Quintana: *O espelho* e *O velho do espelho*, procurando observar o modo como o eu lírico se (re)descobre ao passar diante do espelho e mirar-se numa tentativa metafísica de compreensão daquilo que esse objeto incessantemente misterioso manifesta sobre si mesmo e sobre os mundos que o habitam. Trata-se, portanto, de um momento de reflexão sobre a identidade do sujeito lírico. O trabalho é fundamentado teoricamente nas reflexões sobre o espelho de Umberto Eco (1989), que considera a experiência especular algo absolutamente singular, principalmente em relação à significação que tem para quem olha aquilo que é refletido pelo espelho. No âmbito da análise literária retomaremos as reflexões de Candido (1996).

¹ É aluna de Letras desde 2012 da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: clau909silva@gmail.com

² É professor de Literatura brasileira da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: helderpin@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Cuidado!

A nossa própria alma apanha-nos em flagrante nos espelhos que olhamos sem querer.

Mario Quintana – Caderno H

O que vemos quando estamos diante de um espelho? A resposta simples seria: a nossa imagem refletida. Contudo, não raro vemos homens e mulheres contrariando essa afirmação, pois o enxergar a nós mesmos pode ser muito mais do que ver o nosso corpo diante de um espelho. Há seres humanos que dizem enxergar sua própria alma, porque veem além; outros veem o carrasco tempo... aquele que tira a juventude e distribui marcas nas faces; há outros ainda que não percebem a si mesmos, mas sim outros... ou seja, não se reconhecem. Por esses e outros tantos motivos, a experiência especular tem inspirado contos, romances, poemas e outras obras artísticas. Quem conhece a obra *A vida está em outro lugar*, de Milan Kundera, sabe que o enigmático Jaromil observava obstinadamente as suas feições no espelho de seu quarto, intrigava-se com a delicadeza de seus traços.

O que reflete o espelho?, pergunta o Dicionário de símbolos. A resposta, ele mesmo dá: “A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência...” (1990, p. 393). De modo semelhante ao Dicionário de símbolos, Eco (1989), em seu estudo sobre esse objeto, no tópico “Pragmática do Espelho”, parte do princípio de que o espelho diz a verdade, “registra aquilo que o atinge da forma que o atinge” (p. 17), ou seja, de acordo com essas duas concepções, o espelho não mente, porque revela aquilo que está em sua frente. Se um homem mira-se ao espelho e sorri, mas sabe que está triste, o reflexo não será cúmplice de sua mentira, pois lhe mostrará os olhos tristonhos, sua consciência o acusa e o espelho confirma-lhe.

Eco (1989) incita a nossa curiosidade ao tratar da questão especular como uma contínua tentação que tem o sujeito de considerar-se um outro – não ele mesmo – ou de não se identificar com a sua própria imagem refletida. Por essas e outras razões, a experiência especular é “...uma experiência absolutamente singular, no limiar entre percepção e significação” (p. 20). Como podemos perceber, a característica de singularidade desse tipo de experiência está no cerne do emblema que, assim o é, justamente pelo significado que tem para o ser humano aquilo que é percebido por ele. Qual a carga significativa e emocional que existe para um ser humano que se sabe jovem, viril e de repente o espelho lhe desmente? É por esse viés que estamos tentando caminhar, pois os terrenos da percepção e da significação nos perseguem o tempo todo.

É preciso citar ainda mais uma premissa em relação aos espelhos. Eco (1989), comentando os estudos de Lacan, dá destaque ao fato de que “O espelho é um fenômeno-limiar, que demarca as fronteiras entre o imaginário e o simbólico” (p. 12). Mais uma vez, recai sobre esse tema a questão da significação, do simbólico, daquilo que pode dar representatividade ao que vemos ou sentimos. A responsabilidade atribuída ao espelho é crucial, até que ponto se pode dizer que o que se vê no espelho é real ou é produto da imaginação do homem que não se conforma com o que vê, conseqüentemente com o que se é? Partindo da afirmação de que o objeto tema de nosso estudo diz a verdade, ele é um delimitador das fronteiras entre a realidade e aquilo que imaginamos.

Nos poemas estudados a seguir, essa fronteira surge como uma linha tênue, na medida em que a trama dos espelhos se torna mágica, abrindo espaço para a memória e para lugares antes vistos e visitados, que agora vivem apenas na memória. Para o eu lírico dos poemas escolhidos, é difícil dizer em que ponto se localiza o real e em que ponto está o imaginado.

Por isso, este trabalho tem como finalidade estudar a identidade do sujeito lírico diante do espelho em dois poemas de Mario Quintana: *O espelho* e *O velho do*

espelho, ambos pertencentes ao livro *Apontamentos de História Sobrenatural*³ – um de seus livros mais significativos. Considerando a singularidade da experiência especular defendida por Eco (1989), tendo em vista a percepção e a significação envolvidos nessa questão, apresentamos uma análise preliminar daquilo que é percebido pelo eu lírico diante do espelho e das significativas imagens que se desenham nos poemas a partir dessa percepção. Para tanto, este trabalho tenta dar conta tanto dos aspectos expressivos formais que compõem os poemas quanto dos aspectos existenciais que dão vida aos mesmos, levando em consideração as questões apresentadas por Cândido (1996), dialogando com o estudo de Eco (1989) sobre os espelhos.

O eu – lírico – diante dos mistérios especulares

Quanto mais lemos Mario Quintana mais percebemos a capacidade singular de externar o que está no âmago da nossa sensibilidade, de despertar aquilo que é de nossa essência, mas que talvez esteja adormecido esperando as palavras certas que possam vir acordar nossos sentidos. Como no primeiro poema que faz parte deste estudo:

O espelho

01 E como eu passasse por diante do espelho

02 não vi meu quarto com as suas estantes

03 nem este meu rosto

04 onde escorre o tempo.

05 Vi primeiro uns retratos na parede:

06 janelas onde olham avós hisurtos

07 e as vovozinhas de saia-balão

³ Segundo Alves (2000), os dois poemas recolhidos deste livro revelam a riqueza desta obra, publicada pela primeira vez em 1976.

08 como paraquedistas às avessas que subissem do fundo do tempo.

09 O relógio marcava a hora

10 mas não dizia o dia. O tempo,

11 desconcertado,

12 estava parado.

13 Sim, estava parado

14 em cima do telhado...

15 como um catavento que perdeu as asas!

O primeiro sentimento despertado em nós ocorre a partir da metáfora do escorrer do tempo no rosto do eu lírico. A partir dela, tomamos consciência daquilo que já sabemos, o nosso próprio rosto mostra a passagem do tempo que nos envelhece. Mas a metáfora presente no poema nos diz de modo inteiramente novo aquilo que já temos conhecimento. Candido (1996, p. 89) diz que

A mudança de sentido faz da imagem e da metáfora um recurso admirável de reordenação do mundo segundo a lógica poética; mas a metáfora vai mais fundo, graças à transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-se pela analogia criada arbitrariamente.

A força expressiva da metáfora está na capacidade de criar analogias e associações inteiramente novas que despertam nossos sentidos, penetram a nossa sensibilidade, externam nossos sentimentos de modo até agressivo. É assim que a metáfora presente no poema nos sensibiliza. O tempo passa, sabemos, mas não apenas passa, ele escorre no nosso próprio rosto, lembrando-nos sempre de nossa finitude.

Essa metáfora do escorrer tempo em nossas faces é lembrada e intensificada todas as vezes que estamos diante de espelhos. Por isso, é importante ressaltar que o

eu lírico só começa a ver as imagens de que fala no poema quando passa diante do espelho. Ou seja, espelhos refletem sempre o que está à sua frente, nunca o que não está. Eco (1989), no tópico “Porque os espelhos não produzem signos”, argumenta sobre essa questão, dizendo: “A imagem é *causalmente produzida pelo objeto* e não é possível produzi-la na ausência do objeto” (1989, p. 25, grifo do autor). Por esse motivo, de acordo com o estudioso, há uma ligação entre imagem especular e um referente que não pode ausentar-se.

Essa particularidade, no poema, é revestida de uma nova significação, pois o eu lírico, inicialmente – vale salientar, não vê a si mesmo nem vê o lugar no qual está. Contudo, ainda podemos pensar que a premissa apresentada por Eco (1989) é válida tendo em vista que o eu lírico só vê o que vê por estar diante de um espelho. Portanto, podemos dizer que ele – eu lírico – continua sendo o referente da imagem especular ainda que não seja ele quem está refletido no espelho, ou ao menos o próprio eu lírico não se vê de início, porque suas lembranças é que estão lá.

O eu lírico revela o que primeiro viu: retratos. Alves (2000), na interpretação desse poema, diz que esse

é um poema construído com a imagem de retratos antigos que surgem, de repente, diante do poeta. De fato não surgem propriamente, é o olhar que os descobre, a lembrança foi acionada de algum modo. O presente abre-se para acolher as imagens alojadas na memória. (p. 122)

Esses objetos são portadores de grande carga de significado, porque eternizam momentos, pessoas, vidas. De acordo com o autor, as imagens estão alojadas na memória, o que possibilita o surgimento delas novamente é a presença do eu lírico diante do espelho, as memórias das pessoas nos retratos sempre estiveram guardadas na mente, mas ressurgem como lembranças no presente a partir do espelho.

A metáfora do retrato enquanto janela é a primeira observação que ele faz: “janelas onde olham avós hisurtos”. Não são simples retratos; são janelas, que representam no poema mais do que uma abertura na parede porque significam uma

abertura no tempo, permitem ver o lado de dentro do passado. A caracterização não acaba na metáfora dos retratos enquanto janelas, pois por elas “...olham avós hisurtos”. O adjetivo ajuda a revestir de significação especial a primeira imagem que vemos pelos olhos do eu lírico: avós cabeludos, barbados, talvez sérios, convictos, como eram os retratos de antigamente.

Na próxima imagem que o eu lírico nos apresenta, o poema ganha um teor afetivo e até íntimo quando coloca o substantivo no diminutivo: “e as vovozinhas de saia-balão”. A locução adjetiva responsável pela caracterização destas complementa esse sentido no verso, porque quebra a seriedade do verso anterior. Através da comparação que vem seguida, o eu lírico faz-nos perceber o que a imagem das vovozinhas significa para ele, elas são “como paraquedistas às avessas que subissem do fundo do tempo”. A analogia entre as saias-balão e os paraquedas reveste-se de intensidade à medida que relembra ao eu lírico – e a nós – um passado sugerido (e por que não dizer explícito) em retratos, através de vestes características de determinadas épocas.

Na terceira estrofe, o eu lírico continua com a temática do tempo, quando inicia falando de um relógio que “marcava a hora / mas não dizia o dia”. O relógio, por certo nos retratos com os avôs e vovós, desempenha eternamente a função de marcar a hora, mas o eu lírico incomoda-se porque não pode saber o dia. Não apenas a personificação deste objeto com o verbo dizer, que designa uma característica humana, como também a personificação do tempo, com o adjetivo *desconcertado*, contribui para que ocorra uma espécie de recolha emocional. A rima, que aparece nos dois últimos versos da estrofe *desconcertado-parado*, também é um elemento que colabora para o sentimento de momento parado no tempo, principalmente porque o adjetivo está entre vírgulas, demarcando uma pequena pausa, como que a dar a entender que o eu lírico embestia-se nessa sensação.

A rima permanece na quarta e última estrofe do poema nas palavras *parado-telhado*. Desta forma, o poema segue com sensação idêntica, um instante capturado no tempo. O eu lírico faz uma comparação do tempo tal qual está com “um catavento

que perdeu as asas!”. Sabemos que um catavento sem asas não gira, portanto não desempenha seu papel, assim como o relógio, que, estando parado, não pode desempenhar sua função, já que o tempo está sempre correndo. O espelho é o canal que dá ao eu lírico acesso a épocas distantes da sua, permitindo-lhe adentrar numa época nas quais as vovozinhas usavam saias-balão e os avós mantinham os pelos nas faces. O relógio está parado, o tempo não anda, as imagens estão congeladas e o eu lírico as observa. Nas reflexões de Alves (2000), percebemos a importante subjetividade do poema de Mario Quintana, no instante de contemplação (para utilizarmos as palavras do autor), “diante do espelho e o conseqüente reencontro com as antigas imagens configuram uma situação de perda e de consciência destas perdas. O tempo que “escorre” não deixará nada intacto; tudo perderá a atualidade.” (p. 125). O homem sabe que o tempo já não volta e que muitas vivências de antes ele só poderá resgatar através da memória. O espelho, nesse caso, serve canal que transporta o sujeito lírico para dentro de si mesmo, ao encontrar-se com o passado, que permanece vivo dentro de si.

Nessas duas últimas estrofes, há uma espécie de tranquila resignação com o tempo. É o momento no qual o eu lírico externa a conformidade com um tempo que passa e não volta mais, através de um relógio parado incapaz de dizer o dia.

A ausência de funcionalidade demarcada pela comparação com o catavento que perdeu as asas é a transfiguração de uma metáfora da própria vida do eu lírico. Não há mais nada para ser feito diante da realidade que o espelho faz o eu lírico perceber, mas ao contrário do que se espera – talvez, não se vê uma luta intragável desse eu lírico com o tempo.

Passamos agora para uma leitura do outro poema objeto de nossa estudo, “O velho do espelho”:

O velho do espelho

01 Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse

- 02 Que me olha e é tão mais velho do que eu?
- 03 Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
- 04 Meu Deus, meu Deus... Parece
- 05 Meu velho pai - que já morreu!
- 06 Como pude ficarmos assim?
- 07 Nosso olhar - duro - interroga:
- 08 "O que fizeste de mim?!"
- 09 Eu, pai? Tu é que me invadiste,
- 10 Lentamente, ruga a ruga... Que importa? Eu sou, ainda,
- 11 Aquele mesmo menino teimoso de sempre
- 12 E os teus planos enfim lá se foram por terra.
- 13 Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -
- 14 Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

O eu lírico, surpreendido no espelho, não se reconhece. O pronome demonstrativo *esse* usado por ele exprime certo alheamento em relação à imagem que ele vê, dando a entender que quem está no espelho não é ele. Porém, a premissa da impossibilidade de se produzir a imagem especular na ausência do referente, defendida por Eco (1989), continua a compor a argumentação de nossa análise, pois quando o eu lírico se surpreende no espelho é que ele vê a imagem que, supostamente, é de um outro. A imagem não está lá, ela surge quando o eu lírico se coloca em frente ao espelho. Por isso, nesse poema, também enxergamos a ligação causal de que Eco (1989) fala em seu estudo.

A imagem que o eu lírico vê refletida pelo espelho é de um homem que ele julga mais velho. Contudo, as feições inicialmente atribuídas a outro, vão tornando-se menos estranhas, mais familiares. E o eu lírico as reconhece como sendo as feições de seu velho pai, que já havia morrido.

Nesse momento de identificação com o suposto outro que está no espelho, o uso das reticências no poema contribui para um reconhecimento não imediato, mas

sim gradual, demonstrando um exame, um olhar minucioso do eu lírico. O recurso das reticências é proposital; elas desempenham um papel fundamental à medida que nos faz perceber que o eu lírico está tentando se reconhecer e/ou compreender quem é que está no espelho.

A continuação do verso e o verso seguinte funcionam como um “estalo” na mente do eu lírico na medida em que ele percebe que as feições daquele que está no espelho se parecem com as de seu pai: “...Parece / Meu velho pai – que já morreu!. A exclamação no fim do verso contribui para essa sensação: o eu lírico olha... olha... e de repente se dá conta de que é o seu pai quem está lá!

Neste ponto, cabe-nos ainda mais uma reflexão: Ele via de fato o pai ou ele mesmo, que com o tempo ficara cada vez mais parecido com aquele que o gerara? Ele não aceitava a semelhança ou a surpresa de parecer-se demais com o velho pai fora tanta que ele não foi sequer capaz de entender os traços do pai nele mesmo? São perturbações do eu lírico que se olha e não se vê, ou pelo menos julga não se ver no espelho. Para nos auxiliar nessa investigação, evocamos, novamente, Eco (1989, p. 17) que afirma que o espelho “diz a verdade de modo desumano, como bem sabe quem – diante do espelho – perde toda e qualquer ilusão sobre a própria juventude”. Por apresentar essa característica, o autor argumenta, é que confiamos neles. Levantamos, portanto, a hipótese de que o eu lírico havia envelhecido, assim sendo é natural que seus traços lembrassem os de seu pai. O espelho mostrava-lhe isso, mas ele não se reconhecia. A percepção de que o tempo passa é dolorosa, talvez por isso reconhecer-se como sendo parecido com o pai era-lhe algo custoso. Espelhos não interpretam objetos, reflete-os do jeito mesmo que são.

O verso 6 é enigmático e atribui mistério ao poema. A indagação é incisiva: “Como pude ficarmos assim?”. O verbo na primeira pessoa do plural contrapõe o anterior – na primeira pessoa do singular – numa espécie de fusão. O eu lírico, ao se ver no espelho, já não é mais ele mesmo, é um outro, o seu próprio pai, mas não apenas o pai, os dois estão juntos, são um só. O eu lírico não compreende de que

modo ficou tão parecido com o pai, ele interroga o espelho – e a ele mesmo – numa tentativa atônita de compreensão.

O olhar do eu lírico era o próprio olhar do pai. No momento em que ele está diante do espelho e se vê, lembra do olhar do pai, que agora é também o seu, o *nosso* é representativo da fusão. É um olhar, severo, inquieto com a incorporação dos dois homens. O olhar acusa o pai, o olhar acusa o filho. “O que fizeste de mim?” O olhar do filho confunde-se com o olhar do pai, no momento em que o eu lírico compreende e – por que não dizer aceita – a semelhança, numa mútua acusação, num descontentamento com os resultados, numa confissão ele havia sido invadido pelo pai.

É natural que filhos tenham traços dos pais por questões genéticas. A constatação da semelhança com o pai abre-lhe um leque de imagens, ele relembra a infância, diz-se o mesmo menino de sempre, teimoso, nega que se pareça com o pai. Ainda que o espelho lhe mostre que o tempo passou, o eu lírico permaneceu sendo o menino de sempre, teimoso... O tempo é corrosivo na medida em que demonstra essa insatisfação do eu lírico com o que ele havia se tornado. É, portanto, uma guerra do eu lírico com o pai, naquele jogo de tentativas e pretensões que os pais têm para com os filhos; estes, muitas vezes, tendem a se rebelar contra isso. Mas também é uma guerra com o tempo e, principalmente consigo mesmo.

CONCLUSÃO

Nos poemas, o espelho ultrapassa o “simples refletir”, possui a capacidade metafísica de mostrar muito mais do que normalmente se veria. São as vicissitudes humanas diante do tempo e também diante da própria imagem que se reflete na superfície do espelho. O eu lírico nos dois poemas interpretados chega ao seu verdadeiro eu porque parecem se transportar para outras dimensões – de seus próprios mundos, vale dizer. Um, quando passa por diante do espelho e não vê seu próprio rosto; outro, quando se surpreende no espelho e indaga sobre quem o olha.

Por isso, frisamos, a título de reflexão, que tanto no poema “O espelho” quanto no poema “O velho do espelho” o eu lírico inicialmente enxerga outras coisas, mas não ele mesmo e que, gradualmente, numa espécie de desvendamento ele começa a compreender o que vê diante do espelho. Configurando-se, portanto, como espaço mágico que provoca a reflexão e significação daquilo que está no espelho.

Para arrematar nossa leitura, evocamos novamente a argumentação de Eco (1989) sobre a singularidade da experiência especular. A singularidade dessa peculiar experiência se dá porque ela está, de acordo com o estudioso, no limiar entre a percepção e a significação. A partir da análise e interpretação apresentadas aqui vimos que o que o eu lírico percebe tanto em um poema quanto no outro é revestido de significados. O eu lírico do poema O espelho não vê retratos na parede apenas porque lembrou-se deles. No fato de rememorar-los – com avozinhas e suas vestimentas peculiares, avós hisurtos – está imbricada a constatação de que o tempo passou. Esse incisivo tempo que desde o início do poema é anunciado quando o eu lírico afirma não ver seu rosto no qual o tempo escorre. O presente do eu lírico – o seu quarto com estantes, o espelho e o seu rosto com marcas do inevitável envelhecimento – não é percebido, porque nada disso ele vê no espelho. Ao contrário, rememora pessoas em retratos, o passado se fazendo presente na mente do eu lírico. Ou seja, há um descontentamento manso e resignado com o tempo, que fatalmente “escorreu”.

Também não é por acaso que o eu lírico do poema O velho do espelho está perplexo diante do que enxerga no espelho. O que é por ele percebido toma uma proporção enorme dentro de si mesmo. Eis novamente percepção e significação juntas. Não é apenas perceber sua aparência como a do pai; é constatar que o inevitável aconteceu: o tempo passou, e o espelho mostrava-lhe isso de modo cruel. Significa para o eu lírico que não há como desfazer aquilo que o tempo fez ou o que ele deixou de fazer por si mesmo, a não ser que volte, através de sua memória, à infância na qual estava por certo livre para ser quem era. Mas a dura constatação estava à sua frente, refletida no espelho. O tempo havia passado. O tempo metamorfoseia o ser humano. Os olhos cansados do eu lírico sorriam um orgulho triste, porque o tempo

havia passado, ele havia envelhecido e lutara muito para permanecer sendo quem era. Uma tranquila resignação diante do que inevitavelmente o espelho lhe mostrava.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro. **A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA POESIA DE MARIO QUINTANA**. 160 f. FFLCH-USP, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.

ESPELHO. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação de Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 10 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1976.